

## O TEATRO ROMANO DE LISBOA. NOTÍCIA SOBRE AS ACTUAIS ESCAVAÇÕES

A.M. Dias Diogo  
Univ. Nova de Lisboa

Situado nas freguesias da Sé e da Madalena, na encosta sul da colina do Castelo, o Teatro Romano de Lisboa foi descoberto por volta de 1798, quando se abriam os caboucos para a construção dos edifícios de reurbanização pombalina. Nessa altura, o arquitecto régio de origem italiana, Francisco Xavier Fabri, tendo sabido do aparecimento do monumento, realizou aqui verdadeiras escavações arqueológicas, que lhe permitiram desenhar plantas e alçados da área do *frons pulpiti*. Alguns desses desenhos acabaram por ser publicados em 1815 por Luís António de Azevedo<sup>1</sup> e são actualmente de grande importância, dado que nos apresentam o muro do *proscænium* ainda quase intacto, constituído por 10 *exedrae* rectangulares de larguras variáveis e tres semi-circulares (Figura 1).

As *exedrae* estavam distribuídas simetricamente, a partir de uma semi-circular, centrada no eixo da *orchestra*, enquadrada por duas rectangulares que, por sua vez, se encontravam ladeadas pelas duas últimas semi-circulares. As penúltimas *exedrae* comportavam as escadas de acesso ao *pulpitum*, constituídas por cinco degraus. A face norte do muro do *proscænium*, voltada para os espectadores, apresentava uma inscrição cinzelada que aunciava o facto de o flâmine augustal perpétuo Caio Heio Primo, ter mandado fazer a expensas suas o *proscænium* e a *orchestra* com os seus ornamentos no ano 57 d. C.<sup>2</sup>

Por cima do *proscænium*, Fabri mostra-nos ainda um conjunto de silharia, possivelmente estruturada, que poderia pertencer a *scaenae frons*, além de colunas estriadas, bases e sete capiteis jónicos, aparentando estes ter dois riscos distintos.

Posteriormente aos estudos de Fabri, duas ruas e vários prédios foram construídos sobre o teatro, tendo este servido de pedra e muitos dos seus elementos reaproveitados como material de construção nos novos edifícios. O próprio muro do *proscænium* foi desmontado e as suas pedras, de lióz acinzentado ou avermelhado, foram cortadas e utilizadas para revestir as fachadas dos edifícios posteriores ao terramoto de 1755. Dois silenos, encontrados em 1798, e que poderiam pertencer a decoração da *orchestra*, foram conservados.

Em 1965 Fernando de Almeida efectuou uma sondagem no Teatro Romano, precisando a sua localização exacta, que na altura era alvo de controvérsia<sup>3</sup>. Em 1966 e 1967, Irisalva Moita desenvolveu os trabalhos, tendo escavado uma área abrangendo desde parte do *hyposcaenium* até aos primeiros degraus da *ima cauea* e compreendendo o início do *aditus maximus* oriental<sup>4</sup> (Figuras 2-7).

Não nos vamos aqui prender com as antigas escavações, já amplamente conhecidas graças aos estudos de Jorge de Alarcão<sup>5</sup> e de Theodor Hauschild<sup>6</sup>. Escavada na colina e

Director do Gabinete Técnico do Teatro Romano de Lisboa. Docente da F.C.S.H. da Univ. Nova de Lisboa.

1 AZEVEDO, LUÍZ ANTÓNIO, *Dissertação Critico-Filologica-Historica*, Lisboa, 1815.

2 Segundo AZEVEDO, podia-se ler na inscrição: *NERONI.CLAVDIO.DIVI.CLAVDI.F(ilio).GER(manici).[...]AVG(usto).GERMANICO.PONT(ifici).MAX(imo).TRIB(unitia).POT(estate).III IMP(eratori).III CO(n)S(uli).II DESIGNATO III PROSCAENIUM ET ORCHESTRAM CVM ORNAMENTIS [FLAM(en)] AVGVSTALIS PERPET VVS C(aius) HEIVS PRIMVS.*

3 ALMEIDA, FERNANDO, Notícias sobre o teatro de Nero, em Lisboa, *Lucerna*, 5 (1966), pp. 561-571.

4 MOITA, IRISALVA, O Teatro Romano de Lisboa, *Revista Municipal*, 124/125 (1970), pp. 7-37.

5 ALARCÃO, JORGE, O Teatro Romano de Lisboa, *Actas del Simposio «El Teatro en la Hispania Romana»*, Badajoz, 1982, pp. 287-302.

6 HAUSCHILD, THEODOR, Das romische Theater von Lissabon. Planaufnahme 1985-88, *Madriider Mitteilungen*, 31 (1990), pp. 348-392.

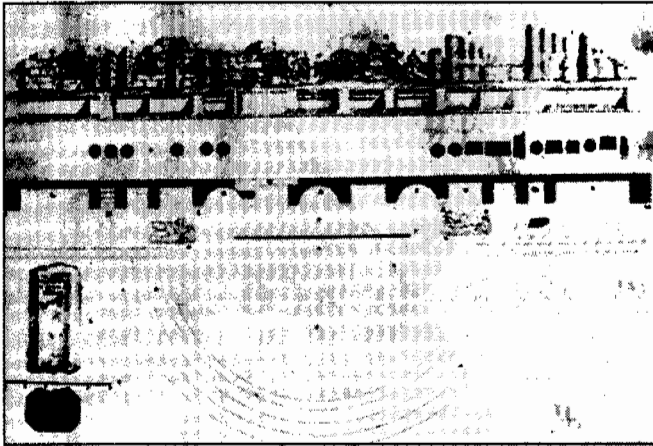


FIGURA 1. O Teatro Romano de Lisboa segundo Fabri, gravura publicada por L.A. de AZEVEDO, in Dissertação Crítico-Filológico-Histórica.

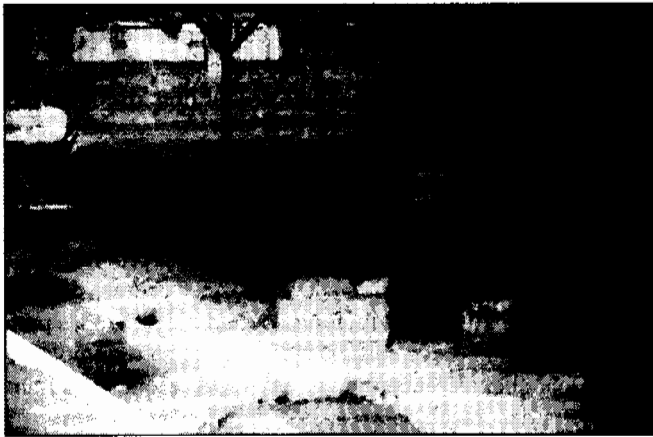


FIGURA 2. Vista, tirada de Sudeste, da área do hyposcaenium, orchestra e primeiros degraus da ima cauea.

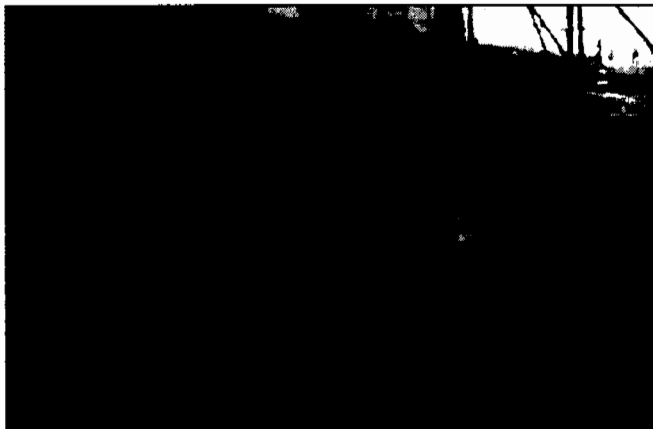


FIGURA 3. Vista, tirada de Sudoeste, da área do hyposcaenium, orchestra e aditus maximus.



FIGURA 4. Vista do Teatro, tirada de Sul. A Oeste é visível um muro moderno sobre a ima cauea, a Este encontra-se uma pedra setecentista que destruiu o afloramento rochoso talhado para o assentamento dos degraus da cauea, ainda conservado nos degraus visíveis ao centro.



FIGURA 5. A orchestra e o hyposcaenium vistos de Norte, da área da cauea.

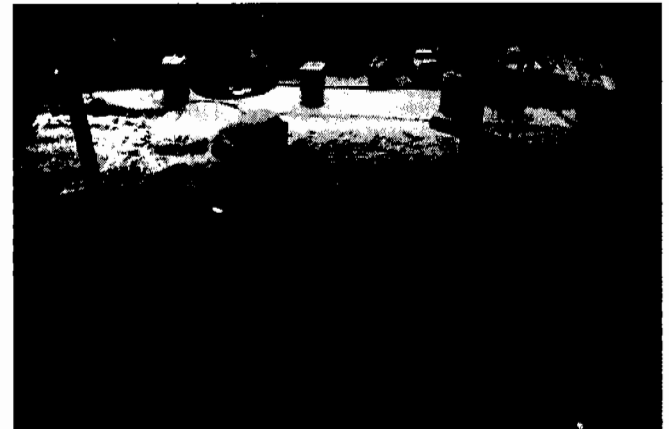


FIGURA 6. Vista, tirada de Noroeste dos primeiros degraus da cauea, orchestra e hyposcaenium. É visível a cavidade em dupla calote esférica no hyposcaenium.

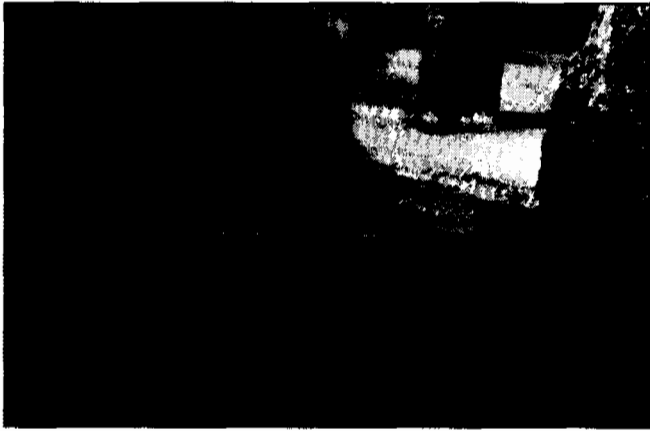


FIGURA 7. Particular, tirado de Noroeste da cavidade em calote no hyposcaenium. É facilmente perceptível que o canal a Sudeste é posterior e foi construído a partir da violação do opus signinum do pavimento.



FIGURA 8. Vista, tirada de Sudeste do aditus maximus. A Norte é visível o aproveitamento do afloramento rochoso, que foi talhado e incorporado na construção em silharia almofadada. Note-se ainda o chão, em opus caementicium, destinado a ser revestido com silhares.

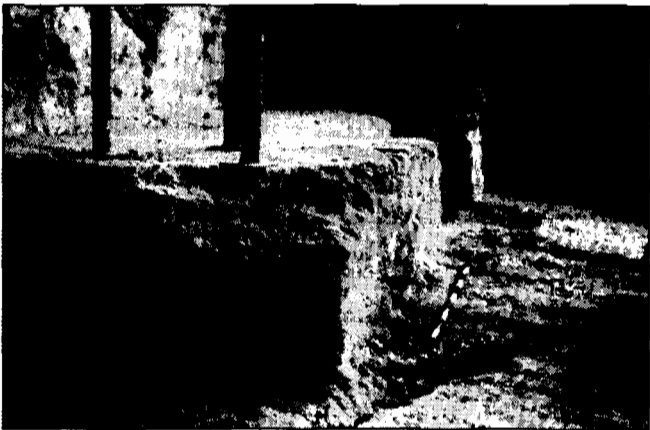


FIGURA 9. Particular do talhe do afloramento rochoso no aditus maximus.



FIGURA 10. Escavação actual, na área Este do Teatro. Note-se a vala originalmente aberta nos finais do século XVIII e o silhar romano deslocado.



FIGURA 11. Vista da área do aditus maximus tirada de Nordeste. É perceptível que o muro medieval português, a Norte, incorporou as pedras romanas ainda in situ. Notem-se os traços das juntas dos silhares no opus caementicium coincidentes com o fim do muro medieval.



FIGURA 12. Vista, tirada de Oeste da ima cauea, a Norte do muro setecentista. É observável o enchimento em opus caementicium formando os degraus das bancadas. A Este encontra-se um uomitorium.

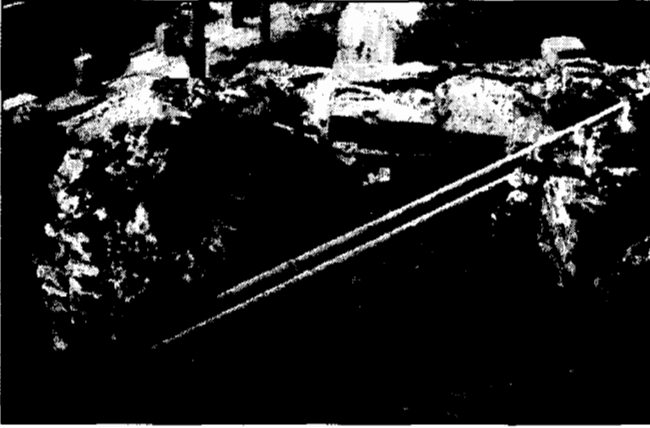


FIGURA 13. O uomitorium visto de Nordeste, é visível o estrangulamento da entrada, conservando dois degraus. No seu interior encontra-se um muro paleo-cristão, em pedra solta e com uma ombreira.



FIGURA 15. Vista, tirada de Noroeste, do alicerce do muro concentrico Sul, em opus caementicium. Note-se a sua construção em cofragem, a partir de uma vala aberta na rocha.

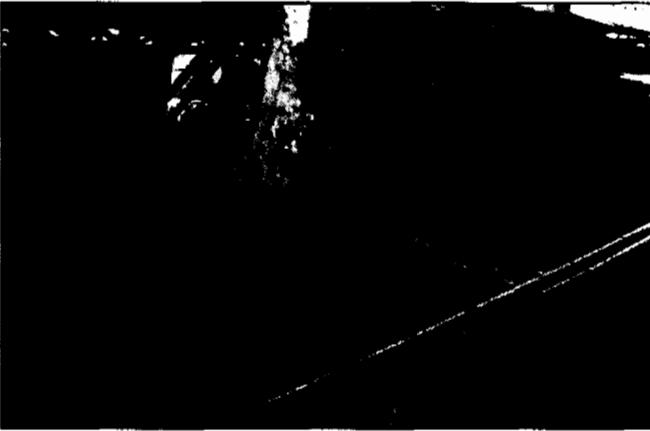


FIGURA 14. Vista geral do Teatro, tirada de Nordeste, a partir do uomitorium A- Oeste observa-se o muro setentista sobre a imactorium. A Oeste observa-se o muro setentista sobre a imcauea, note-se os vestígios do revestimento da fachada, que reaproveitaram as pedras epigrafadas do proscaenium. A Sul é visível parte do hyposcaenium.



FIGURA 16. Vista, tirada de Nordeste, do muro radial Este. Observa-se a mesma orientação nos muros medievais que se lhe sobrepoem. A Sul é visível o aditus maximus.

correspondendo a parte mais baixa do Teatro Romano de Lisboa, a área escavada nos anos sessenta e também a mais bem preservada: A *orchestra* conserva ainda vestígios do pavimento (Figura 5), constituído por um mosaico de pequenas placas líticas rectangulares e quadradas de várias tonalidades. Na zona do palco, conservou-se toda a infra-estrutura, com o *hyposcaenium* pavimentado a *opus signinum* e conservando os pilares paralelepípedicos do assentamento das traves de madeira do tablado do *pulpitum*. Junto ao muro do *proscenium*, cavidades rectangulares serviam para encaixar os prumos do pano de boca de cena (Figura 2). Ainda no *hyposcaenium* e também pavimentada a *opus signinum* foi já descoberta uma estrutura em dupla calote esférica, cuja utilidade é controversa e que interpretamos como servindo para instalar um mecanismo para fazer rodar a área

imediatamente superior do tablado do palco (Figuras 6 e 7).

Durante um pouco mais de duas décadas, as escavações arqueológicas do Teatro Romano encontraram-se paralizadas, reiciando-se 1989 e tendo para este efeito, a Camara Municipal de Lisboa instituido o Gabinete Técnico do Teatro Romano. As escavações que temos vindo a dirigir têm decorrido nas zonas este e norte do Teatro, correspondendo a uma faixa compreendida desde o muro do peribolo até ao *aditus maximus* oriental. Graças as actuais escavações, é-nos já possível saber que o Teatro de Lisboa tem um raio de cerca de 34,60 m desde a origem da *orchestra* até a face interna do muro peribolar. Apenas a zona mais baixa se encontra bem preservada, já que foi escavada na colina, aproveitando mesmo os afloramentos rochosos, talhando-os e integrando-os na construção (Figuras 8 e 9).



FIGURA 17. Particular da escavação do muro Oeste do vomitorium, observável entre a malha dos alicerces de um edifício moderno.

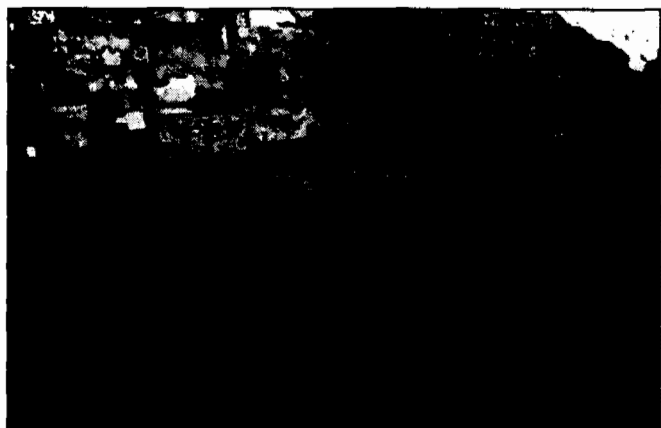


FIGURA 18. Vista, tirada de Sudoeste, do muro de peribolo e do muro concentrico Norte. Note-se o tipo de construção dos alicerces, em alvenaria de pedra miúda argamassada, implantada numa vala escavada na rocha. O muro concentrico Norte indica o início da summa cauea.

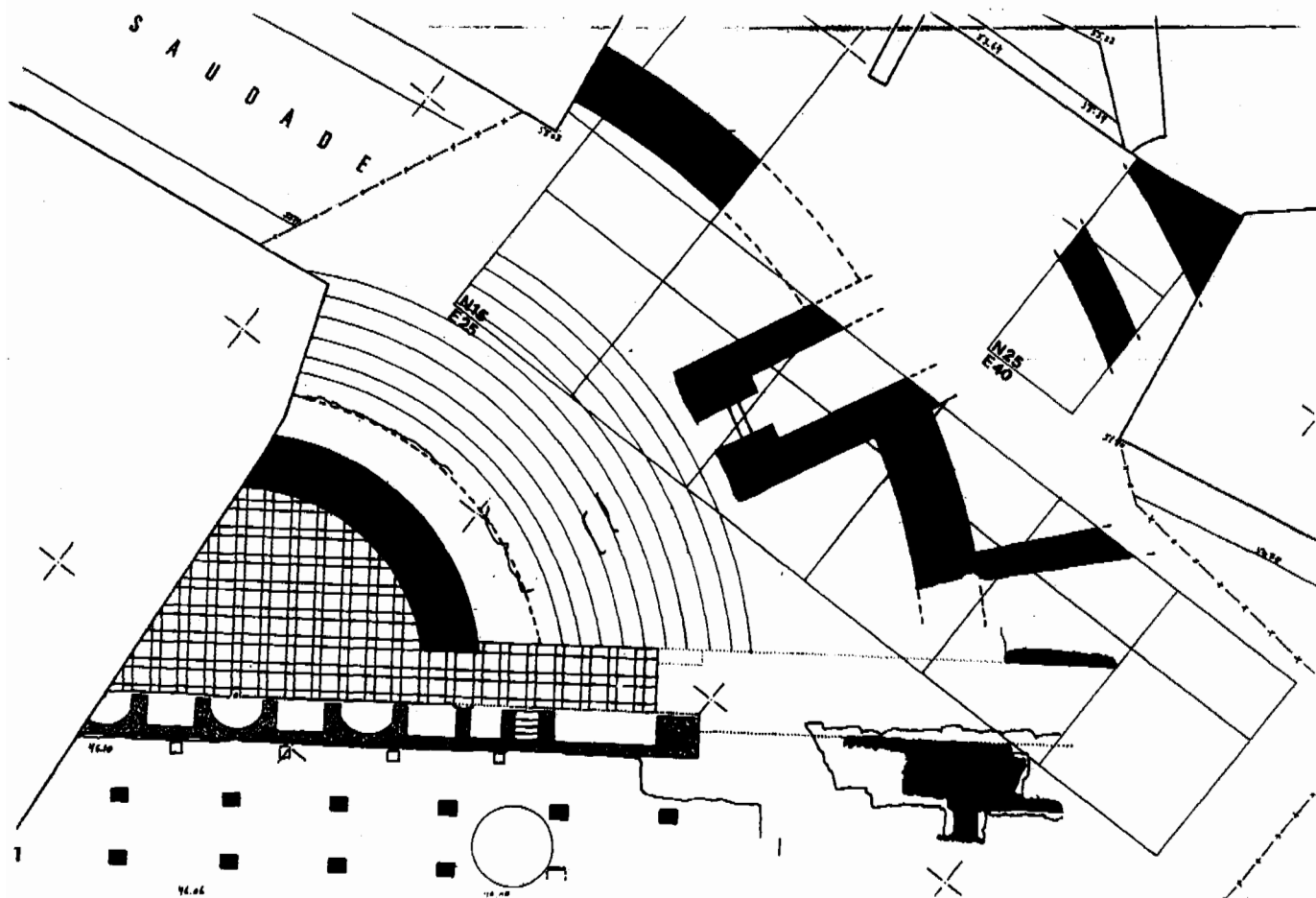


FIGURA 19. Planta geral das estruturas do Teatro já descobertas e implantação da quadrícula.

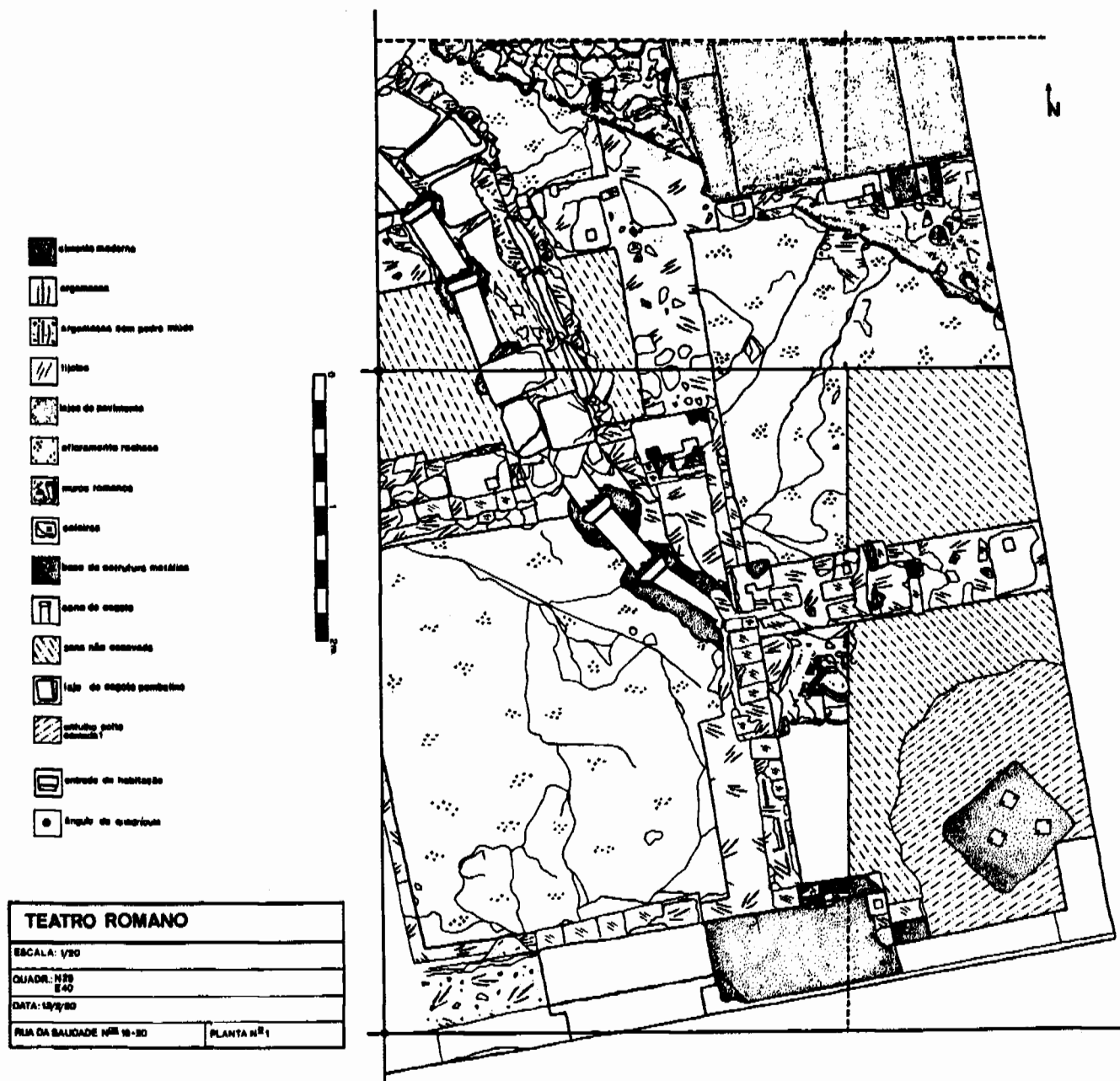


FIGURA 20. Planta da Quadrícula N251 E40 na primeira fase da sua escavação. 1. Muro peribolar. 2. Muro concentrico Norte.

A partir dos inícios da *media cauea* (Figura 12), o Teatro desenvolvia-se sobre a colina, assentando numa infra-estrutura de muros concítricos (Figura 15) e radiais (Figura 16), de que apenas restam os alicerces. Estes muros erguem-se sobre valas escavadas na rocha e os seus alicerces foram construídos através de um processo de cofragem, situação que nos permitiu recolher material datável, em estratigrafia segura, do período da construção do Teatro. Não nos tendo surgido qualquer material posterior ao principado de Augusto, cremos ser muito provável que a fundação do Teatro seja augusteana, sendo a já referida inscrição do *proscenium* referente a uma

remodulação da época neroniana e limitada a *orchestra* e ao *proscenium*.

Outro elemento construtivo fundamental que já nos surgiu, foi um *uomitorium*, uma das entradas para o topo da *ima cauea* e articulado entre dois muros radiais (Figuras 12 a 15). Para além da sua importância estrutural, este *uomitorium* forneceu-nos evidência sobre a época de destruição do Teatro, já que as suas ruínas foram reaproveitadas para a construção de um pequeno edifício do período paleo-cristão (Figura 13), e onde o material encontrado no nível do pavimento é datável da segunda metade do século V, primeira metade do século

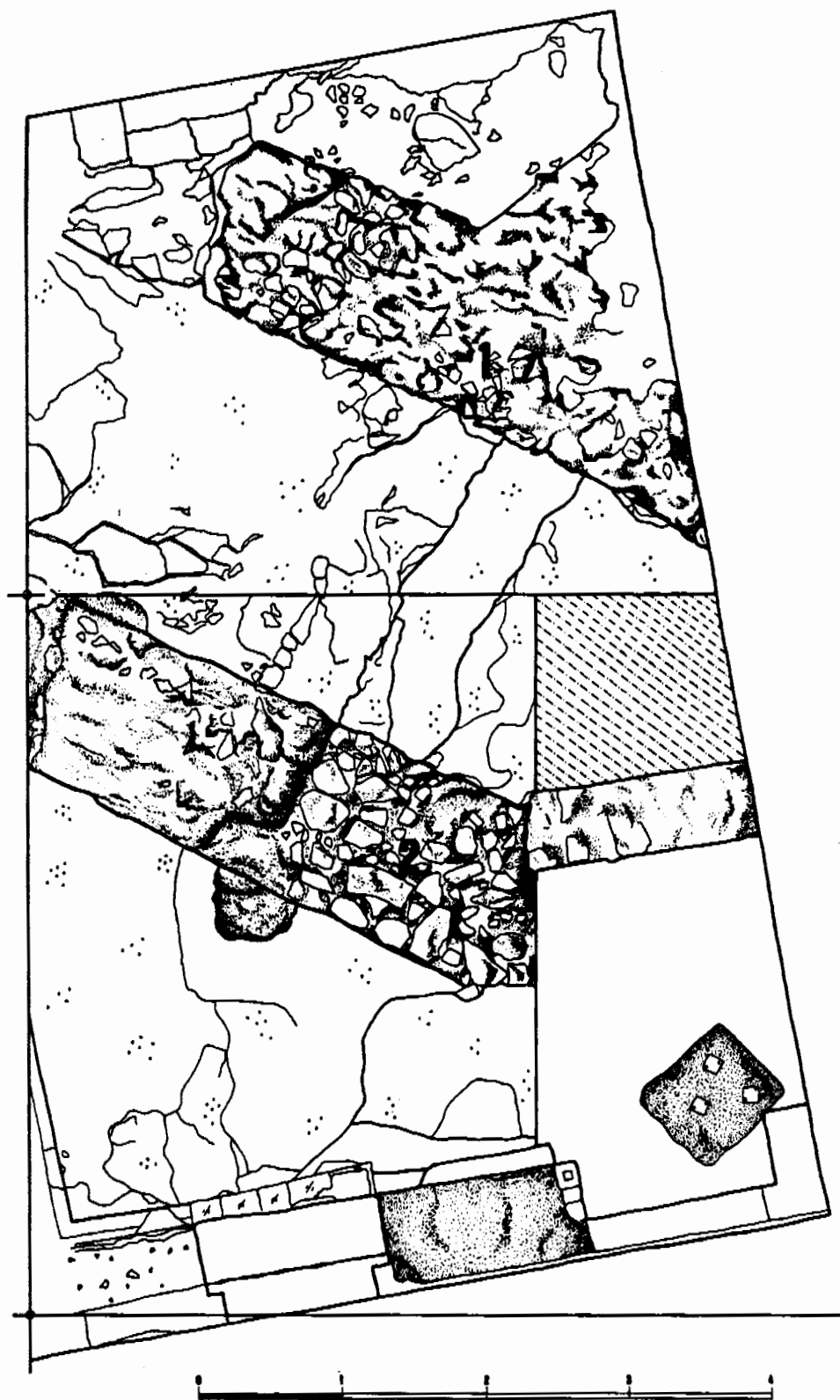


FIGURA 21. Planta da Quadrícula N25/ E40 no final da sua escavação.

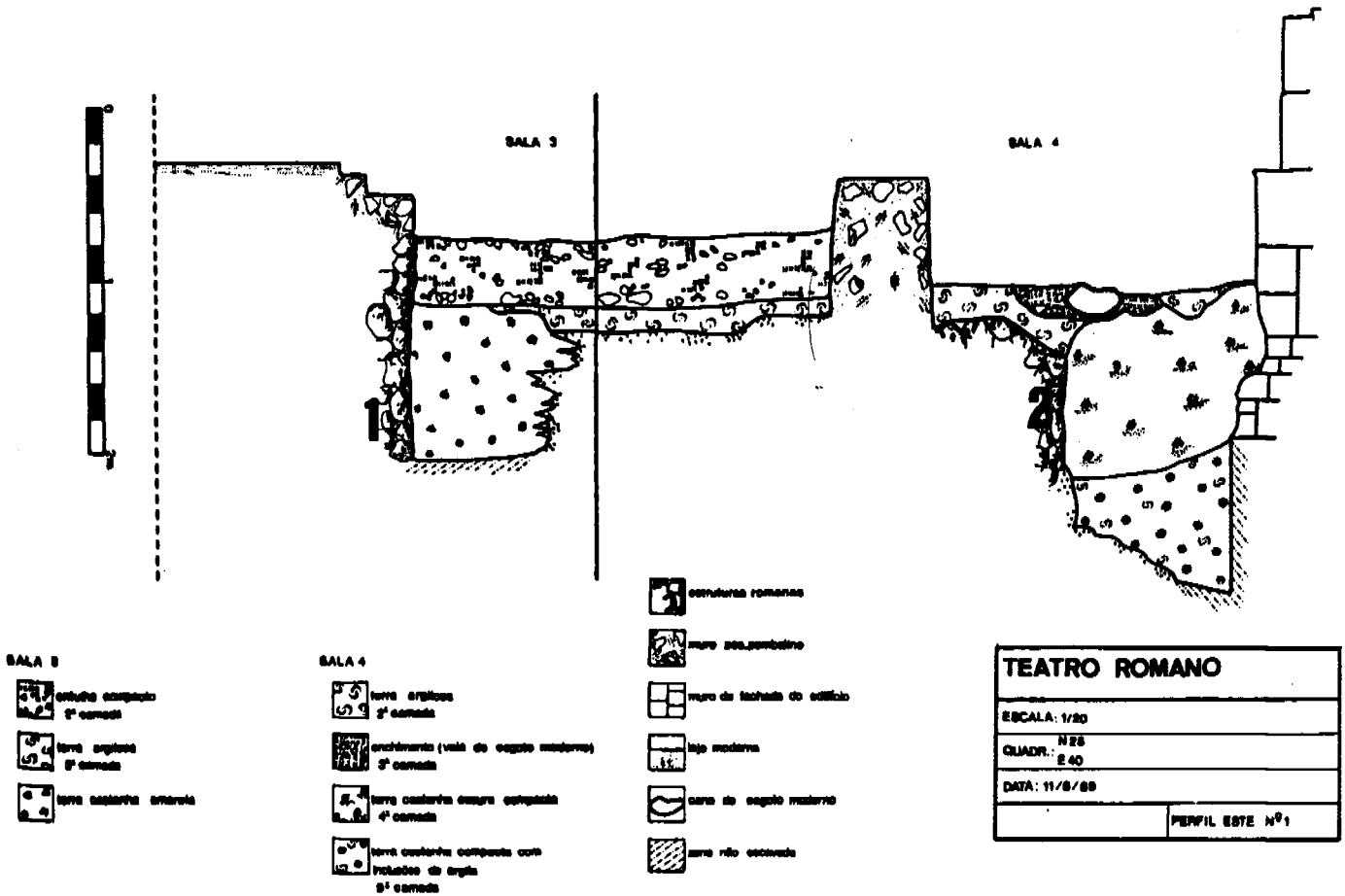


FIGURA 22. Perfil estratigráfico Este da Quadrícula N25/ E40.

VI. Estão presentes as formas Hayes 99 e 87 A em «Sigillata Clara D» e a forma Hayes 3 em «Late Roman C».

É ainda necessário referir que as actuais escavações não se têm limitado ao estudo do grande edifício público romano, mas tem contemplado todo o urbanismo posterior. Como as nossas escavações têm demonstrado, embora arruinado e subterrado, a imponência e a morfologia do Teatro Romano condicionaram a orientação e a disposição das construções que se lhe foram historicamente sobrepondo até a reurbanização pombalina do século XVIII, altura em que se abandonou o traçado urbano tradicional nesta zona da cidade.

O Teatro Romano foi construído num local de intensa ocupação posterior, apresentando uma estratigrafia complexa, com artefactos que a Arqueologia portuguesa ainda não tipificou. Deste modo, não nos é possível datar imediatamente os diversos níveis e estruturas. Por outro lado, a escavação está imediatamente condicionada pela descontinuidade urbana do próprio sítio: com ruas abertas ao tráfego, prédios e muros, pilares das coberturas da área da escavação, infraestruturas de diversos tipos: esgotos, cabos eléctricos e

canalizações várias. Estes condicionalismos justificam os primeiros pressupostos de carácter metodológico com que partimos para a escavação do Teatro Romano: escavar horizontalmente numa primeira fase, destacando as estruturas definidas pelos mesmos horizontes estratigráficos. A partir da interpretação e articulação das estruturas e contextos, definir a sua importância relativa, tanto sobre o ponto de vista científico como museológico, e proceder, ou não, a sua desmontagem depois de um registo exaustivo (Figuras 19 e 20). Esta estratégia explica o facto de ainda conservarmos estruturas portuguesas sobre os vestígios do Teatro (Figuras 10, 11, 15 e 16).

Finalmente, e dado o estado de destruição do Teatro Romano de Lisboa e da importância histórico-urbanística das estruturas que se lhe sobrepuseram, somos do parecer que o Teatro deverá ser integralmente escavado e restaurado na zona compreendendo o *pulpitum* e a *ima cauea*, ficando este auditório operativo e articulado com um «Museu de Sítio» que integraria uma amostragem das infra-estruturas, destruídas até aos alicerces, das *media* e *summa caeae*.